

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias = DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha

Assinatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humorístico do Seculo e da Illustração Portuguesa

Anno.....	4\$800
Semestre.....	2\$400
Trimestre.....	1\$200

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Anno.....	2\$000
Semestre.....	1\$000
Trimestre.....	2\$000
Mez (em Lisboa).....	700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa

EDITOR — José Joubert Chaves



DESEMBARQUE
DO REI
DE
SAXE
EM
LISBOA

Summario

O REI DE SAXE EM LISBOA, 39 illust.—A LEGAÇÃO DA ALLEMANHA EM LISBOA, 16 illust.—A PESCA DA BALEIA, 7 illust.—ENXOVAL DO FUTURO REI DE HESPANHA, 6 illust.—QUEM É TINA DI LORENZO, 47 illust.—UMA FESTA DE CREANÇAS, 5 illust.—UMA FESTA HIPICA, 7 illust.—ESCOLA DE BELLAS ARTES, 1 illust.—EXPOSIÇÃO BORDALLO PINHEIRO, 4 illust.—LOURENÇO MARQUES, 20 illust.—BANCO LISBOA & AÇORES, 6 illust.—SUA MAGESTADE A PRIMAVERA, 11 illust.—TEIAS D'ARANHA, 20 illust.—FIGURAS E FACTOS, 22 illust.;

A seda suíssa É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:

Echizen, tafetás de lustro, Louisane para de dia, **Mussette** 120 cm. de largura deste fr. 1,25 o metro, em preto, branco, liso e platinado, assim como blusas e vestidos em **batiste bordado**.

Vendemos as nossas sedas garantidas soltas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & C.
LUCERNE Z. 2 (SUÍÇA)
Exportação de sedas

Vendo-se em todas as relojoarias e joalherias.



Fabrica em Chaux-de-Fonds, Suíça

O passado, presente e futuro revelado pela mais exacta chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillet



Diz o passado e o presente e futuro, com veracidade e rapidez; é anunciado em victimios. Pelo estudo das sciencias, chromancias, pironomias e physiognomia e pelas applicações praticas theoricas de Gali, Lavater, Desbarrolles, Broze, d'Arpenigney, Madame Brouillet percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelas suas clientes da mais alta categoria, e predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e espanhol.

Das consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, 2.º andar. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 rrs.

SEDATIVO BEIRÃO



ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos na cabeça, estomago, ventre e vomitos, diarrheá, abate a ovação do ventre, por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorroidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O Sedativo Beirão actua com especialidade sobre o utero, órgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funções e é muito eficaz na atonia dos ovarios e na ocellidade ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorrea accidentada ou suspensão subita das regras por effeito de friamentos, emoções ou sustos. O Sedativo Beirão contém propriedades tónicas, astringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco-uterino (leucorrhœa).

O Sedativo Beirão é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentação de graves perturbações gastro-intestinaes, diminua a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e outras molestias que sobrevêm pela cessação final dos menstros nesta mudança da vida da mulher. O Sedativo Beirão não é contra-indicado nas molestias uterinas e aos ovarios que dependem de lesões d'aquelles órgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos autorisados: Em Portugal: Pharmacia Liberal—Avenida da Liberdade, 167, Lisboa—Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto.—Inglaterra e colonias: Mr J Wiman—Export Druggist, 58 e 59, Bunhill Row London, E. C.

Prix do flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale, contre mandat de poste adressé a Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.

O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre agradável e acompanhado de perturbações que consistiam para mim em verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos. Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.º sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrhœico, cujo effeito calmante se não podia esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradável remedio, uma soezna em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios excipio nem das pharmacias jamais esquezi um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1903.—Escilia Aurelia Fernandes, (Segno o reconhecimento da tabellião A. Borges d'Avellar.

Instruções para o usage da portugiuis, na espanhol, en francez, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraique.

PRINCIA NOUVEAU PARFUM VIOLET

29, B' des Italiens, PARIS



NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

COMPANHIA MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y el Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & C.ª

RUA DA PRATA, 59, 1.º—Lisboa

Agente em Paris:—Camille Lipman, 26, Rue Vignon

O REI DE SAXE EM LISBOA.

A VISITA OFFICIAL.

N'outros tempos quando se annunciava a vinda

de um soberano estrangeiro a Lisboa, este facto constituia para os pacatos costumes alfacinhas um acontecimento mais extraordinario que a descoberta de um novo astro para os sisudos sabios dos observatorios.

A capital preparava-se com longa antecedencia. Reuniam-se commissões, que deliberavam largamente, gesticulavam e falavam com esta bella e fecunda exuberancia meridional, alvirando roisas espantosas, sumptuosidades imaginativas que ao depois se iam reduzindo a proporções mais praticas e mais conformes com a nossa representação mundial no concerto das potencias.

Mas havia um palpar de interesse, uma ancia de

luzir galas e prazeres, um antegoso de meia duzia de dias de folgue-dos, livre de preocupações, a cem leguas dos desgastanos d'esta vida. A mulher, principal-



magnifica de morder n'esse delicioso fructo O rei Frederico de Saxe tirando photographias á porta dos Jeronymos

que as amarguras da existencia lhe tornavam prohibido mezes consecutivos de pasmaçeira e de aborrecimento.

Mas vieram cá o rei de Inglaterra, de uma tão fidalga lonhomia de espirito, o marcial imperador allemão, a gentilissima rainha Alexandra, o sympathico rei de Hespanha, o exotico Chulalongkorn e o plebeu Loubet; e logo que este diluvio de chefes de nação começou de tornar-se o *plato del dia*, o nosso povo foi perdendo pouco a pouco o vivo interesse que lhe despertavam esses homens vistos a distancia, no pedestal sagrado em que a sua imaginação os tinha collocado. Vieram depois principes e princezas que passearam, viram, admiraram e se foram outra vez para as suas terras, levando na retina o reflexo do ceo perfumado e, no coração, photographada nitidamente, a cordealidade affectuosa do povo portuguez.

Agora, é nosso hospede sua magestade o rei Frederico de Saxe, que tem recebido o mais carinhoso acolhimento e que, tendo visitado officialmente, durante tres dias, a nossa capital, se recolheu, na continuação da sua estada entre nós, a um discreto incognito para melhor vêr, por um contacto mais directo, os

O rei de Saxe e sua magestade a Rainha nos Jeronymos

mente, era a que mais se zrebicava: — augmentava, para essa oportunidade, a conta da modista, que os maridos fitavam tristemente, com um soluço estrangulado; tão tinham mãos a medir as casas de penhores e os joalheiros, as floristas e os ornamentadores.

E, quando, uma bella manhã, — que muitas vezes se transformava n'uma entrovicada manhã de grosso inverno a desmentir a bizarra gentileza do nosso perpetuo céu azul, — as primeiras salvas de artilharia atrovavam festivamente os ares, Lisboa inteira sahia para a rua, com outra cara, n'uma disposição

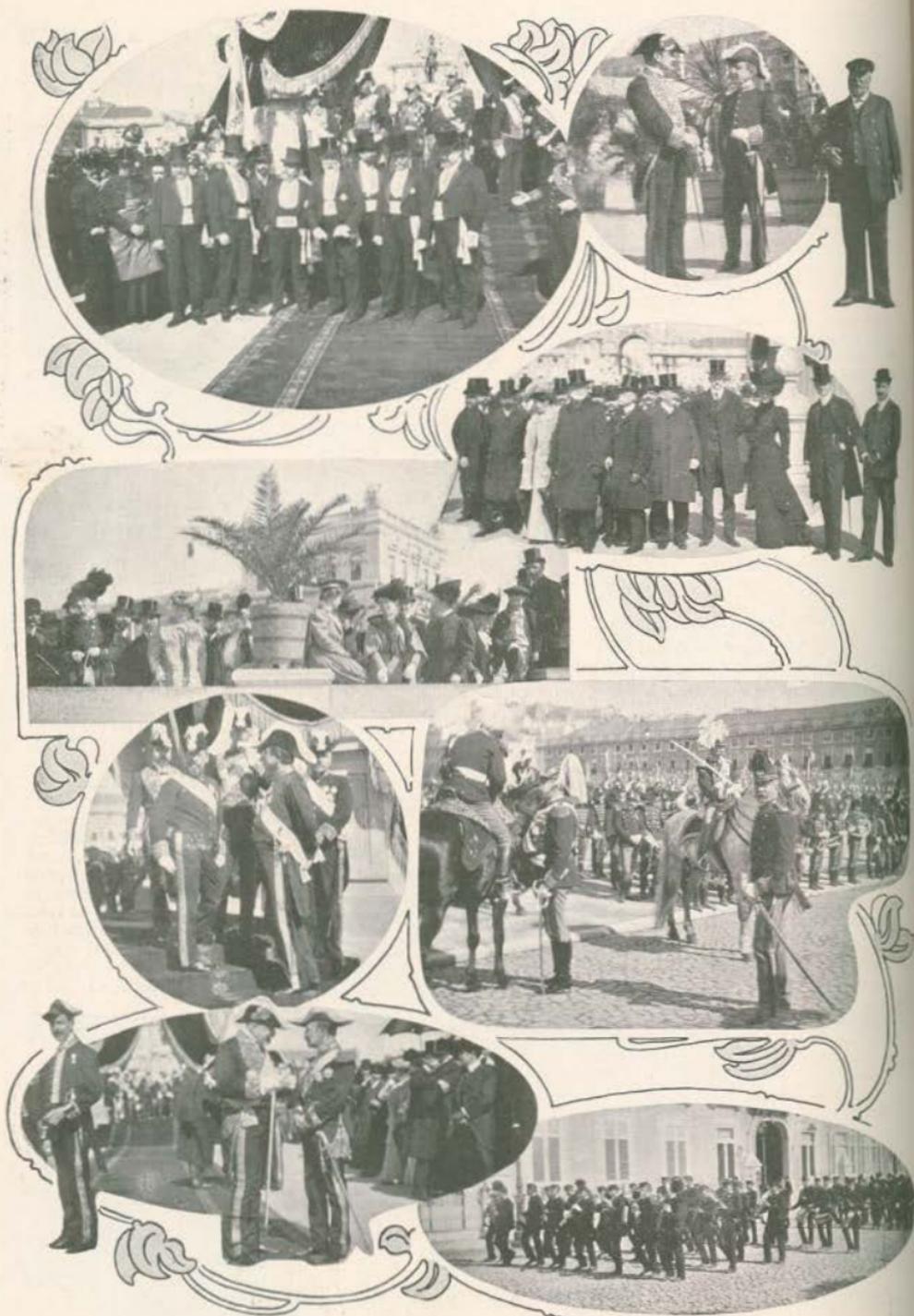


O sr. Costa Pinto, provedor, da Casa Pia, recebendo os re-gios visitantes á porta dos Jeronymos

usos e costumes; do nosso povo, os nossos monumentos e pá noramas.

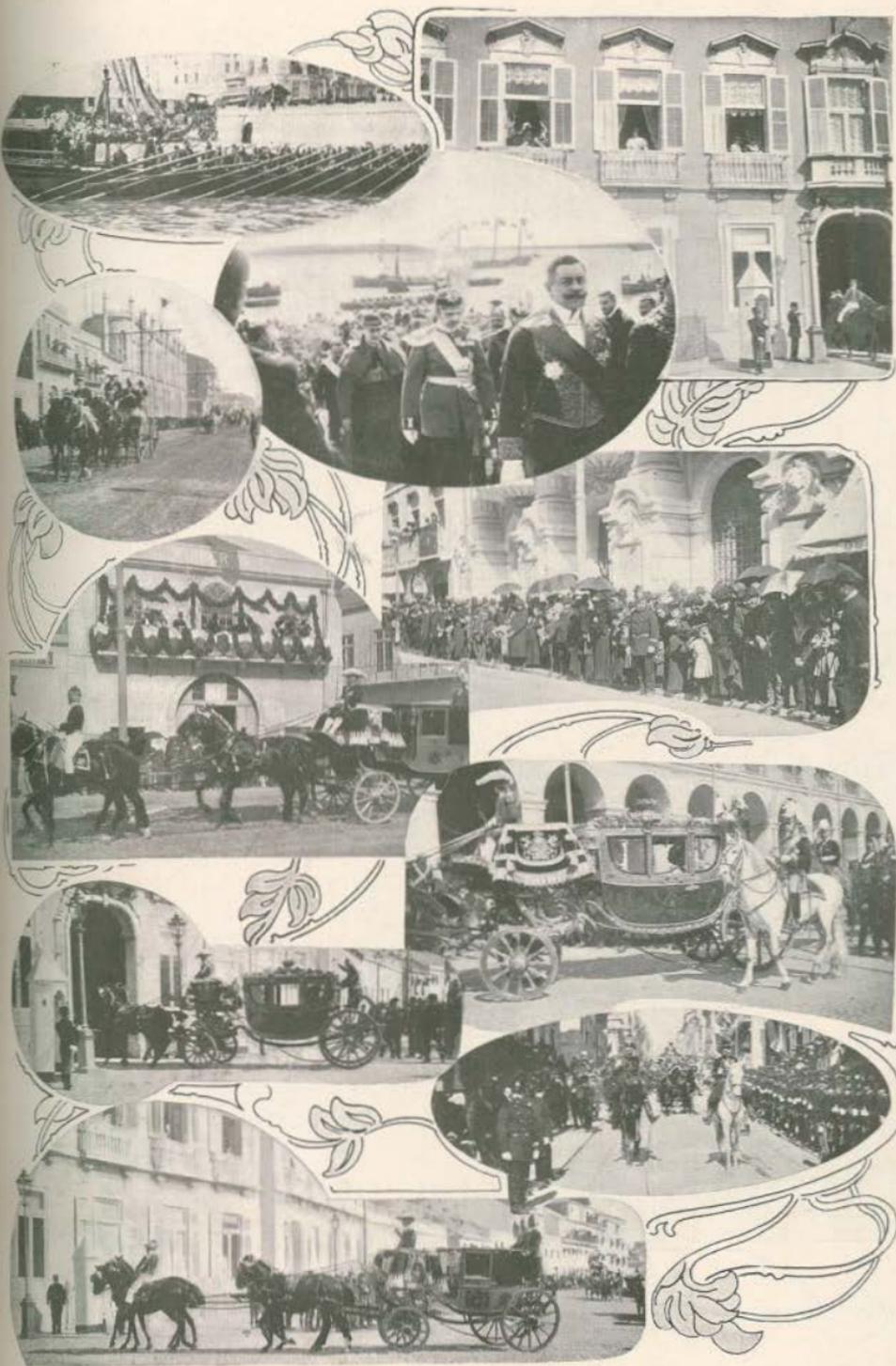


Os photographos



O DESEMBARQUE NO TERREIRO DO PAÇO

- A Camara Municipal de Lisboa — Officiaes-móres da Casa Real aguardando a chegada do bergantim — A colonia saxonica de Lisboa — Senhoras da colonia saxonica aguardando a chegada do rei Frederico
- Ministros das obras publicas, justiça e fazenda e os condes de Tarouca e senhoras no pavilhão
- O commandante da guarda municipal de Lisboa e o tenente-coronel Dias, da policia, dando instrucções aos seus subordinados
- O conde de Figueiró, mestre de corrimoas, conversando com o general Sebastião Telles
- A Casa Pia desfilando deante do paço das Necessidades

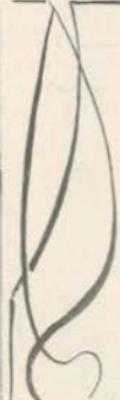
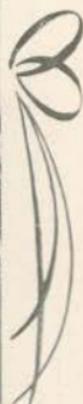


O bergantim real atracando ao caes—O rei de Saxe encaminhando-se para o pavilhão—Sua magestade a Rainha assistindo de uma das janelas do paço á chegada do cortejo ás Necessidades—Passagem do cortejo no Aterro
 ↓ —O publico á passagem do cortejo na rua do Ouro—A passagem do cortejo no Aterro
 em frente dos depositos da casa Wimmer—O coche real—O cortejo descendo a rua do Alecrim—A entrada nas Necessidades
 —No largo das Necessidades



NO HIPPODROMO

1 — Sr. D.^o Fernando de Serpa e o general Von Altrock — O rei de Saxe vendo o desarmar das tendas de campanha
2 — O rei de Saxe decorando o sr. capitão Alvim depois dos exercicios da arma de cavallaria
3 — Marcando as distancias para o estabelecimento de uma bateria de artilharia — Uma carga de cavallaria —
4 — O rei de Saxe assistindo ás evoluções do batalhão de caçadores
5 — O batalhão de caçadores evoluçionando — Cavallaria estacionando — Desfile da artilharia



O príncipe Real o coronel Antonio Costa, commandante de lanceiros 2, e a officialidade do mesmo regimento assistindo ás manobras
 — El-rei, o rei de Saxe, os ministros da guerra e dos estrangeiros assistindo aos exercicios —
 — O sr. ministro da guerra, o general Craveiro Lopes, commandante da 1.ª divisáo, e outros officaes generaes

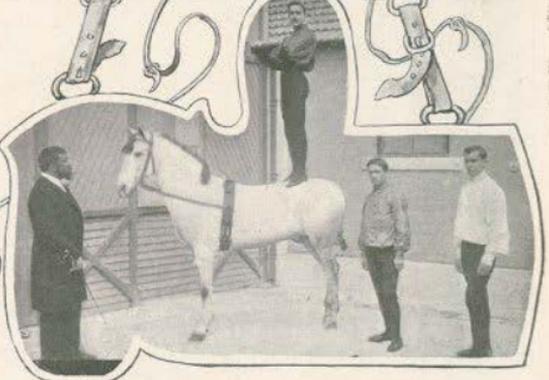
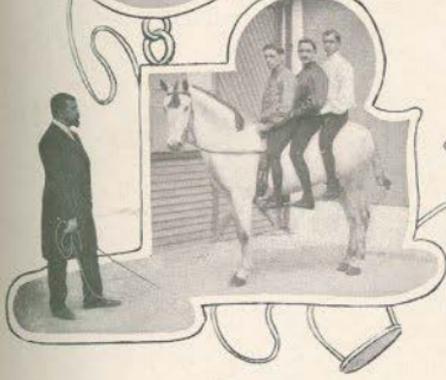
— Caçadores fazendo fogo em quadrado



No Parque da Pena, depois do almoço: srs. Francisco Figueira, chancellor Von Walmitz, coronel Woluski, D. Vasco da Camara (Belmonte), D. Fernando de Serpa — 1.º plano as sr.ªs D. Izabel Saldanha da Gama (Ponte) Rei de Saxe, S. M. a Rainha, general Von Altrock, e os srs. Fernando Eduardo de Serpa. — No Paço de Cintra, antes do almoço oferecido pela rainha D. Maria Pia no pateo do Esgulcho — S. M. a Rainha, Rei de Saxe e general Von Altrock. — A comitiva no Pateo da Pena — Postilhões romanos

(Clichés de Benoit)

UMA FESTA HIPICA



1. O cavallo *Dançarino*, em passo suspenso, montado pela sr.^a D. Camilla d'Ávila — 2. Os cooperadores da festa (a contar da esquerda): srs. Carlos Bello, Armando Costa, Antonio Simões, Francisco Luzes, professor Joaquim de Miranda; srs.^{as} D. Stella d'Ávila, D. Florinda d'Ávila, D. Camilla d'Ávila, D. Angela Amancio; srs. Augusto Freire, José Silva e Afonso Botelho — 3. A menina Stella d'Ávila no cavallo *Cascaes*, no trabalho em liberdade — 4. O cavallo *Dançarino*, montado pelo sr. Armando Costa nos lanceiros — 5. Outro grupo dos cooperadores da festa (a contar da esquerda): O sr. Armando Costa, no *Dançarino*; a sr.^a D. Florinda d'Ávila, no *Lord* o sr. José Silva, no *Sarilho*; a sr.^a D. Camilla d'Ávila, no *Foguete*; o sr. Francisco Luzes, no *Bombila*; a sr.^a D. Angela Amancio, no *Guerra*; o sr. Antonio Simões, no *Bandolera*; a sr.^a D. Stella d'Ávila, no *Petronco* — 6. Os srs. Carlos Bello, Afonso Botelho e Augusto L. Freire, no *Cascaes*, no trabalho de *volteio* — 7. Os mesmos senhores e o professor Joaquim de Miranda n'outro numero do *volteio*



EXPOSIÇÃO BORDALLO PINHEIRO

AS VISITAS DA ÚLTIMA SEMANA



Visita da Academia d'Estudos Livres

Visita dos alumnos da Real Casa Pia acompanhados do sr. Costa Pinto, provedor, alguns mestres e corpo docente

A LEGAÇÃO DA ALLEMANHA EM LISBOA.



O MINISTRO da Allemanha em Lisboa é o sr. conde de Tattenbach, que ha nove annos representa o seu paiz junto da côrte portugueza, com uma rara e requintada sagacidade diplomatica.

Já, antes, Tanger e Berne nos haviam garantido a distincção e a affabilidade do illustre representante de Guilherme II que, depois de abertos os seus esplendidos salões á aristocracia lisboeta, con-

quistou de prompto a mais viva sympathia pelas suas maneiras fidalgas, a vivacidade do seu espirito e esse ar de suprema gentileza que é um dos brazões mais característicos da sua vida social e mundana.

Mas para que estes eminentes predica- dos mais realce possam ter e para que o brilho de tão singulares qua-

de baile, revela o gosto artistico dos srs. condes de Tattenbach; mas se os nossos olhos se demorem attentamente na disposiçào dos objectos e sollicitamente e curiosamente inventariarmos um por um os mil *bibelots* espalhados sobre os riquissimos contadores de pernas torneadas e de bronzes reluzentes, nós temos de confessar irreductivelmente que as mãos



A sr.^a condessa de Tattenbach, ministra da Allemanha em Lisboa

lidades faça destacar esta figura estrangeira de um tão alto relevo na sociedade de Lisboa, quiz o destino que, ao lado do nobre titular, alguém podesse acompanhá-lo na difficil, melindrosa e altissima funcção de confiança de que está investido, auxiliando-o com o seu espirito feminino cheio de requinte e cheio de bondade:— a sr.^a condessa de Tattenbach é, entre as ministras e embaixatrizes junto da nossa côrte, uma das senhoras que melhor se tem identificado com o nosso meio aristocratico, imprimindo sempre ás suas festas e ás suas recepções uma elegancia *raffinée*.

E' n'um sumptuoso palacio do campo de Sant'Anna que está installada a legação. Tudo, desde o vestibulo até á sala



O sr. conde de Tattenbach no seu gabinete de trabalho

patricias da sr.^a condessa tocaram de graça todas estas futilidades indispensaveis e elegantes.

O sr. ministro da Allemanha recebeu no seu vasto e luxuoso gabinete de trabalho onde, no fogão, crepita alegremente um lume esperto que temperadamente esta discreta atmospherã de diplomata.

E' um homem grisalho, de cabelo duro e curto. Os olhos azues cheios de mobilidade, de uma agudeza





O imperador Guilherme com o sr. conde de Tattenbach em Tanger

quasi felina em que a pupilla está sempre em movimento: — olhos que falam, que escutam, que indagam. O bigode, grisalho tambem, não é eriçado como o do kaiser. O sr. conde de Tattenbach deve ser da mesma opinião do seu soberano: «Mais vale ter cabellos grisalhos que

não ter cabellos», disse um dia o imperador conversando com um jornalista francez.

Mas este ar marcial de coronel de uhlanos á paisana não faz soffrer modificação sensivel á distincção da sua physionomia de linhas aristocraticas, accentuada com uma energia que se



O sr. conde de Tattenbach, com a sua escolta, no momento da sua partida para Fez



A sr.^a condessa de Tattenbach a caminho de Fez

dilue na conversa e quasi se torna imperceptivel dentro do ambiente afluvel da sua palavra.

Foi o sr. conde de Tattenbach o delegado do governo allemão á conferencia de Algeciras. Antes, porém, tendo sahido de Lisboa com Guilherme II, no *yacht* do imperador, e visitando Tanger em companhia do kaiser, foi enviado em missão extraordinária e especial a Fez, junto do sultão de Marrocos.

Do seu papel n'esse acto de confiança particular dão conta a hora que o imperador Guilherme lhe conferiu — a Aguia Vermelha de placa inteira.

A sua embaixada a Fez, de que reproduzimos a guns aspectos, em companhia da sr.^a condessa de Tattenbach, desempenhou-a o ministro da Allemanha com o mesmo tacto diplomatico que nunca o abandonou desde o inicio da sua carreira e que lhe tem merecido a confiança plena do seu governo.

Essa confiança é toda derivada da amizade e da sympathia do imperador da Allemanha que tem, dia a dia, a

nota exacta de todo o movimento interno e externo do seu imperio. E, falando da legação allemã em Lisboa, justo é que ponhamos em relevo essa grande figura tão complexa de soberano, que a tudo attende e tudo vê, com um carinhoso cuidado pelas

coisas do seu paiz, desde a delicada attenção pelos trabalhos artisticos dos seus subditos até aos mais embrenhados problemas politicos em que se debatem e degladiam os partidos.

As horas de ocio do kaiser são todas empregadas em fazer arte. — musica ou pintura. O seu

espírito irrequieto de artista está sempre em ebulição. Foi muito citado, e commentado, ao tempo, um desenho politico de sua magestade representando o *perigo amarello*, — depois da guerra sino-japoneza. Era uma composição allegorica cuja reproducção o imperador consentiu do melhor grado e que produziu grande sensação. Damos a sua nota descriptiva por nos parecer muito curiosa e revelar a preocupação dominante do kaiser, — nota textual que foi impressa junto do desenho:

«Isto é nada mais nada menos que o nosso imperador e senhor chamando os povos civilizados da Europa a defende-se em commum contra os elementos conscientes ou cegos que provocam o aniquilamento da nossa civilização que



O sr. conde de Tattenbach, ministro da Allemanha em Lisboa

tem muitos milhares de annos de idade.

«De pé, sob os raios do symbolo christão, em cima de um rochedo, a figura allegorica das potencias civilizadas. No primeiro plano, a Allemanha, de gladio na mão, segue com um olhar attento, os pro-



gressos do perigo; por traz d'ella, a Russia, trazida ao convívio da civilisação, encosta familiarmente o braço ao seu hombro. Depois, seguem-se a Austria e a Italia, que se esforçam por arrastar a Inglaterra, ainda hesitante.

«Na primeira fila, a França, com a mão

que o imperador lhe offereceu depois da sua visita a Lisboa. E' uma marinha de pequenas dimensões representando a galeota real portugueza acostando ao yacht imperial. O desenho tem uma vida intensa e um colorido scintillante; as côres estão muito bem distribuidas, predominando o encarnado e o azul, que dão uma tonalidade fresca, e vida ao pequenino quadro, em que parece resurgir toda a alegria do nosso céu azul, a serenidade da nossa temperatura, a transparencia crystalina da nossa atmosphera abençoada.

Agora que o rei Frederico da Saxonia é nosso hospede, a legação da Alemanha é o centro para onde convergem todas as atenções. O sr. conde de Tattenbach tem, ainda do nosso regio visitante a mais grata impressão. Conhece-

esquerda por cima dos olhos, como uma vizeira, contempla o horizonte longinquo, como se não acreditasse ainda na aproximação do perigo. A' frente do grupo, o archanjo S. Miguel, armado da espada flamejante, mostra, com um gesto imperativo, o perigo imminente.

«Na base do rochedo, n'uma planicie immensa atravessada por um grande rio, levanta-se o burgo dos Hohenzollern e a egreja das diversas confissões christãs, cada uma com a sua architectura característica.

Muito ao longe, a chamma de uma cidade incendiada e o formigueiro das bordas barbaras. Depois, n'uma pesada e escura nuvem de fumo que annuvia o céu um dragão vomitando fogo, e Budha acororado na sua attitude tradicional.»

A legenda é esta: «Povos da Europa, protegei a vossa terra sagrada!» Uma menção especial indica que o desenho foi executado segundo um esboço e por ordem de sua magestade o imperador allemão, rei dos prussianos, pelo professor

H. Knackfuss, de Cassel.

O sr. conde de Tattenbach mostra-nos ainda uma

agurella de Guilherme II,



Sala de baile



Gabinete do ministro



Uma sala do palacio

ainda princip. em Dres. O rei Frederico é muito apaixonado por todos os sports; mas sua paixão dominante é a caça. E' um atirador de primeira ordem. Mas essas distrações não o inibem

de cuidar com a mais meticulosa sollicitude das coisas do seu reino. Possuindo uma grande intelligencia e um espirito muito cultivado, ama, por igual, as letras, as artes e as sciencias; e, ainda quando principe real, soube captar aestima e a amizade do povo saxonio que tem hoje n'elle um penhor seguro da sua felicidade.



As florestas de Saxe, onde sua magestade o rei Frederico Augusto costuma caçar, são das mais afamadas da Europa, todas plantadas de faias, de pinheiros e de carvalhos. De resto, todo o paiz se divide em duas regiões perfeitamente distinctas: a planície e a montanha, com uma temperatura secca, muito fria, geralmente salubre.

A industria mais conhecida e mais espalhada em todo o mundo é a celebre porcelana de Saxe, de uma paciencia e de uma arte levadas ao ultimo extremo do requinte. Mas o desenvolvimento industrial e commercial de Saxe não se fixa apenas na porcelana: — povo productor e muito activo, o saxonio trabalha em distillação, construcção de machinas, preparaçao de couros, metallurgia do ferro, do chumbo, do nickel e da prata, tecidos, que fabrica em larga escala e de que existem em todo o rei-

pesada herança, que o moço rei, agora nosso hospede, tem cumprido religiosamente com brio e a que tem prestado o melhor do seu tempo e da sua attenção. No seu ainda curto reinado, as industrias tem continuado a manter o mes-



no impulso; e, como o

paiz não tenha atravessado convulsões politicas que lhe poderiam absorver uma grande parte da sua actividade productora, tanto maior e mais proficuo tem sido o resultados obtidos e simplificada a tarefa real.

O sr. conde de Tattenbach, representante do imperio da Allemanha em Lisboa, tem, consequentemente, a representação de todos os estados confederados. Falando do reino de Saxe, sua excellencia tem palavras da mais alta admiração para aquelle paiz e para o seu rei que, na sua opinião,

é um soberano de raras Yaculdades e de um caracter affectuosissimo.

Para terminar este ligeiro artigo, uma nota de ouro sobre a vida official do sr. conde de Tattenbach.

A questão de Marrocos, que fez a volta da Europa com um ruido tão retumbante e deu margem a suppôr-se que rebentaria aguer-ra, teve origem n'um episodio



facturas importantes.

Uma população toda entregue á actividade industrial tinha, inevitavelmente, de encontrar nos poderes constituidos uma grande protecção para o mercado dos seus productos, que se desenvolve intensamente pelo Elba para o Norte e para os portos do baltico.

O fallecido rei Alberto Frederico foi um amigo devoto do seu povo, animando-o e protegendo-o em todos os ramos da sua actividade mental. Ao morrer deixou a seu filho uma grande e



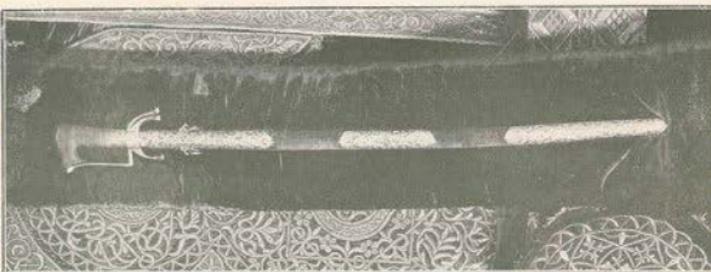
Outra sala do palacio da Legação — Sala marroquina Boudoir da sr.^a condessa de Tattenbach



em que entrou como protagonista... um português.

Esse nosso compatriota é o sr. Manuel de Castro Guimarães, um *sportsman*

muito conhecido em Lisboa. Lembrou-se um dia de convidar para um cruzeiro no seu *yacht* o ministro da Alemanha em Lisboa. Tendo fundeado nas águas de Tanger, os dois illustres excursionistas desembarcaram. O sr. conde de Tattenbach, que tinha passado uma parte da sua carreira de diplomata em Marrocos, foi muito bem recebido em Tanger. A colonia allemã, aproveitando o ensejo da sua estada ali, queixou-se-lhe amargamente da situação em



Espada offercida ao sr. conde de Tattenbach pelo imperador de Marrocos



Selim offercido ao sr. conde de Tattenbach pelo imperador de Marrocos

ção; e, voltando para Lisboa, escreveu um minucioso relatório que enviou ao seu governo. Como todos os relatórios diplomaticos, o

do sr. conde de Tattenbach foi parar ás mãos do imperador, que, depois de o ter lido, lhe lançou á margem esta annotação:

«Felizes os paizes que tem funcionarios dedicados e zelosos como este.»

Estava definitivamente consolidada a reputação official do illustre diplomata allemão que, em premio do seu trabalho e de uma dedicação pelo serviço do seu paiz, foi incumbido, como acima dizemos, de uma missão especial junto do Sultão de Marrocos, e tem a condecora-



O sr. conde de Tattenbach a caminho de Fez

que se encontrava, tendo de frente, a pesar com a sua guarda, o poder da Inglaterra.

O ministro viu, n'um relance, a situa-

ção da Agua Vermelha, concedida por Guilherme II.

A PESCA DA BALEIA DOS AÇORES

A baleia franca (*Balena biscayensis*, Eschricht) tornou-se de tal fôrma rara nos mares da Europa que parece ter morrido com a raça intrepida de pescadores do golfo de Gasconha seus adversarios teuzados desde o decimo até ao decimo sexto seculo, e, se ainda apparece de vez em quando nas aguas do Atlantico açoriano, na realidade o que os baleeiros do nosso archipelago caçam presentemente é o cachalote macrocephalo (*Physeter macrocephalus* Lacépède) e não a antiga baleia dos bascos. Continua a dizer-se, porém, «pesca da baleia» por habito tradicional, do mesmo modo que os gregos e os romanos confundiam sob a mesma denominação todos os grandes cetaceos e ainda hoje os inglezes e americanos lhes chamam tambem indifferentemente *Whales*.

Ambo's os monstros marinhos pertencem á mesma ordem dos mamíferos que compre-

hende os maiores animais vivos dos nossos dias e os da classe que mais se approximam dos peixes pela sua conformação e genero de existencia aquatica. De facto, os cetaceos, embora possuam respiração aérea e sangue quente, que lhes corre em torrentes nas grossas veias, não só tem o corpo comprido e fusiforme, terminado adiante por uma cabeça sem pescoço distincto e atraz por uma cauda em fôrma de barbatana horizontal, como habitam constantemente no mar, onde se movem com extrema facilidade, apesar da massa enorme do seu corpo, e onde realisam as suas funcões de nutrição e de reproducção. Entre o cachalote e a baleia existem, contudo, dissimilhanças anatomicas fundamentais, e, além d'isso, as areas da sua dispersão são diferentes. Basta notar que a numerosa fiada de enormes dentes conicos que reveste a queixada inferior dos cachalotes e lhes serve para filar as grandes presas de que se alimentam, é substituida nas baleias pelas barbas de natureza cornea que guarnecem a sua queixada superior e atravez as quaes são filtradas as myriades de pequenos organismos pelagicos de que ellas fa-

zem o seu pasto. Enquanto o cachalote habita nas aguas temperadas, apparecendo ao norte e ao sul, no Atlantico, como no Pacifico, á latitude de 30° dos dois lados do Equador, a baleia encontra-se de preferencia nas aguas frias das regiões circumpolares.

O cachalote, verdadeiro objecto da pesca nas ilhas, é o gigante dos mares, attingindo algumas vezes 30 metros de comprimento. O seu corpo apresenta uma fôrma estranha, especialmente pela singularidade da sua immensa cabeça. A maior parte das figuras que apparecem publicadas não o reproduzem com exactidão, devendo-se a primeira photographia scientifica das fôrmas exteriores do cachalote, de ha bem poucos annos, a um sabio portuguez, o sr. major Francisco Affonso Chaves, que é tambem o auctor de todas as que acompanham este artigo. A verdade, porém, é que nenhuma representação pode dar bem a idéa do que é a massa colossal da maior especie animal actualmente existente.

E' preciso ter visto um d'esses monstros enormes com os proprios olhos, e a impressão que então recebe o espirito é extraordinaria.

Animaes do alto mar primeiro que tudo, os cachalotes quando se approximam da terra procuram as costas abruptas e as aguas profundas, e por isso visitam frequentemente

os mares dos Açores, vindos do sul, em rebanhos que os baleeiros denominam *schools*. N'outro tempo os inglezes iam ali perseguil-os até ao limite septentrional do seu habitat, tendo chegado, ha um seculo, a armar duzentos navios com esse fim. Modernamente a caça ao cachalote é exercida quasi só pelos proprios açorianos, e teve mesmo já um periodo de maior florescimento, pelo menos na parte oriental do archipelago; mas não deixa de realisar-se em uma escala importante, existindo ainda nas diversas ilhas perto de cem canôas baleeiras.

O perto das Capellas, em S. Miguel, é hoje um dos mais afamados para a cetologia. Domina-o um morro, no cimo elevado do qual foi construida uma peque-



Cachalote fundeado para o espostejamento

tem o corpo comprido e fusiforme, terminado adiante por uma cabeça sem pescoço distincto e atraz por uma cauda em fôrma de barbatana horizontal, como habitam constantemente no mar, onde se movem com extrema facilidade, apesar da massa enorme do seu corpo, e onde realisam as suas funcões de nutrição e de reproducção. Entre o cachalote e a baleia existem, contudo, dissimilhanças anatomicas fundamentais, e, além d'isso, as areas da sua dispersão são diferentes. Basta notar que a numerosa fiada de enormes dentes conicos que reveste a queixada inferior dos cachalotes e lhes serve para filar as grandes presas de que se alimentam, é substituida nas baleias pelas barbas de natureza cornea que guarnecem a sua queixada superior e atravez as quaes são filtradas as myriades de pequenos organismos pelagicos de que ellas fa-



Harpão

na casa para estação de «vigia de baleias», com um mastro arvorado ao lado para os signaes respectivos, e onde, desde o romper da aurora até pôr-se o sol, estaciona um homem que constantemente interroga o mar, em todas as direcções, com um oculo de largo alcance. Logo que avista no horizonte a columna de agua vaporizada de algum cetaceo previne as companhas baleeiras que estão em terra, tirando fortes sons de uma buzina pneumática, e immediatamente as canoas são lançadas com presteza ao mar. Estes barcos, que respeitam um modelo persistente desde uma alta antiguidade, são construidos

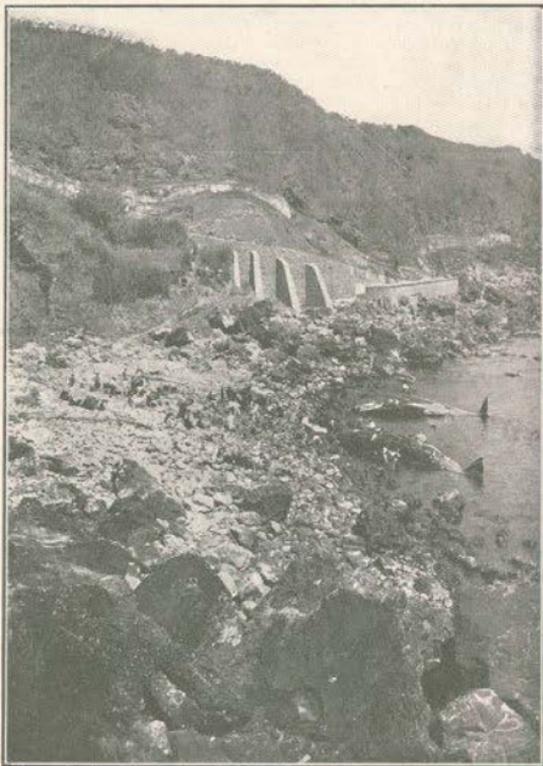


Lança

tendo especialmente em vista as condições de velocidade: tem duas prôas e um só mastro em que amarra uma grande vela quadrangular. Deslisam sobre a agua como gaivotas, rapida e silenciosamente, e assim que se aproximam do cachalote os quatro remadores substituem por pás os remos, para que a aproximação da canoa não seja percebida pelo animal. O trancador prepara-se. Firme e erecto no seu logar á prôa, com o harpão empunhado, conserva-se prompto para o despedir ao primeiro signal, dado pelo official que governa a embarcação. A esse signal a arma projectada penetra profundamente no corpo do cetaceo. Irritado pela dôr da ferida, o cachalote mergulha desesperadamente, descendo como um

raio atravez as camadas de agua: mas dentro em pouco volta á superficie para respirar. N'esse momento os remadores puxam o cabo do harpão, até fazer approximar o barco a cerca de quatro braças do animal ferido, sendo-lhe então arremessada a lança, que vae cravar-se, até meio metro de ferro, em uma parte vital.

A furia do monstro exacerba-se, e, principalmente se se trata de um velho macho, o perigo torna-se grave, porque o seu choque com a canoa pode esmagal-a e precipitar a tripulação no abismo. E' um spectaculo extraordinario e epico, de uma intensa commoção. O cachalote bate pancadas for-



As diversas operações do estopejamento

gue, que fórma um amplo lençol vermelho desdobrado por cima de um hectare ou mais de superficie. Mas vae enfraquecendo e acaba finalmente por morrer. Na agonia tragica vomita restos de cephálo-podes gigantescos e estranhos, que constituem para a sciencia novidades sensacionaes e corporisam para a imaginação popular os grandes polvos fabulosos de que subsistem tantas lendas.

Morto, o cachalote é rebocado para terra e encalhado no areal, para se proceder ao seu estopejamento. Separa-se primeiro a cabeça do resto do corpo, para esvaziar rapidamente, antes que coalhe, o deposito de spermacetti que ha n'ella. Faz-se o mesmo á cauda, e corta-se depois, com um trinçhão afiado, em bocados quadrados, a espessa camada de toucinho que envolve a enorme carcassa. Em seguida procede-se ao respectivo derretimento em caldeiras de ferro; os proprios residuos da carne servem de combustível para alimentar o fogo. Um cachalote produz, em regra, 11 mil litros de azeite, mas pode render até 20 mil.

A «pesca da baleia», conforme se diz vulgarmente, constitue, pois, uma industria rendosa nos Açores, e em que se emprega a actividade de um pescador relativamente numero. O cachalote capturado, produz uma excellente receita, e se por acaso se encontra n'elle o *ambar gris*, o que, em todo o caso, é raro, então representa uma fortuna, porque qualquer pequena concreção d'aquella materia tem o valor de larga somma de contos de réis. Em quasi todas as ilhas, mantem-se, por este motivo, companhas especiaes de pesca de cetaceos, cuja base assenta ainda hoje sobre uma fórma de distribuição dos lucros bastante antiga e tradicional. O systema da exploração industrial persistiu intacto, como o modelo do velho barco baleeiro, já encontrado em excavações feitas nos paizes escandinavos. A manutenção ininterrupta da caça do cachalote no nosso principal archipe-



Harpão

lago atlântico tem aproveitado também, em uma ampla escala para a sciencia, que, devido á cooperação desinteressada dos baleeiros açorianos, tem já conseguido, modernamente, esclarecer algumas das

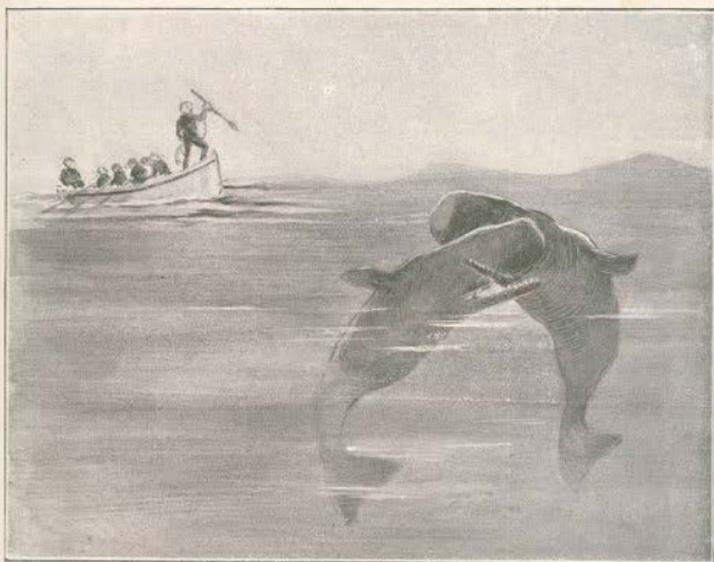
obscuridades que ainda formigam na historia do singular mamífero marinho, evidentemente difficil de descrever pela escassez de dados seguros de informação. Não se observa um monstro de proporções tão avantajadas, e no meio e condições adversas em que decorre a sua existencia, tomamos a facilidade com que se examina um insecto ou qualquer outro invertebrado de tamanho inferior no campo do microscopio. Tem mais que se lhe diga.

As proprias formas exteriores do cachalote, andavam absolutamente truncadas nas representações classicas dos livros de zoologia. As primeiras photographias scientificas que fixaram definitivamente essas formas devem-se, como já accentuamos, a um abio portuguez e foram tiradas na ilha de S. Miguel. Foi o *Journal de l'Anatomie* de Pouchet, que publicou em 1890 a respectiva serie, da qual reproduzimos, a titulo de documento interessante, a que melhor nos pareceu prestar-se para esse effeito.

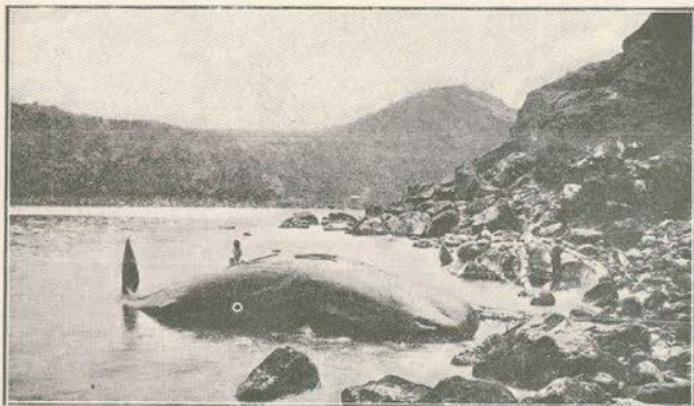
A gravura que representa um combate entre dois cachalotes é reproduzida conforme o desenho inserto por uma revista ingleza, o *Strand Magazine*. E' de preliminar intuição que a sua authenticidade não

pode ser absoluta, e o proprio episodio figurado necessita ainda ser descripto por observadores naturalistas para alcançar legitimos foros de cidade na sciencia. Estranho e imponente deve ser, porém, o espectáculo d'essa lucta, e o homem que tiver assistido a uma tal scena deve certamente conservar d'ella inesquecivel

memoria na retina dos seus olhos commovidos. A poucos terá sido dado, como a elle, ver coisa tão profundamente impressionadora na natureza, ter uma tão bella pagina da historia do mar.



Combate de cachalotes e ataque dos baleeiros—(Conforme uma revista inglesa)



Primeira photographia scientifica do cachalote, do sr. F. A. Chaves, publicada em 1890 pelo professor Pouchet

Ainda sob outro ponto de vista nos prende o estudo dos cachalotes: pelo interesse que despertam os numerosos parasitas que se fixam sobre a sua pelle lisa, e que elle transporta atravez os mares, sem porventura os sentir sequer. Alguns são animaes curiosos pela sua degradação, suggestivos pelo

seu regimen de vida — primordio do parasitismo social, e ainda pelos seus caracteres morphologicos. A materia seria, porém, avessa para a *Illustração Portugueza*.

ENXOVAL DO FUTURO REI DE HESPANHA



As orphãs trabalhando no enxoval



O enxoval em exposição



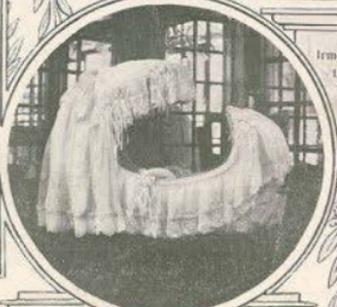
Outro aspecto da exposição



Irmãs de caridade
trabalhando no enxoval



Os primeiros vestidos completos



Berço para apresentação oficial

QUEM É TINA DE LORENZO

todas as noites enviava a Tina di Lorenzo ramos de flores, onde um bilhete com duas ou tres palavras ardentes ia escondido a contar á artista o amor louco de um homem.

A' sahida do theatro, o apaixonado e garboso official esperava-a, ancioso e tremulo, e, adiantando-se na multidão, intencionava dizer-lhe: —Olha que sou eu!

Mas a actriz nem o fitava. Por crueldade, não, talvez; mas porque desconhecia, até então, quem era o auctor dos bilhetinhos inflamma-dos: Uma noite, novo ramo e novo bilhete. Este, evidentemente, ou era de um doído, de um farçante, de um D. Juan ousado, ou de um desesperado de amor. Indicava-lhe, no bilhete, quem era, e dava-lhe os signaes indispensaveis para que a actriz, ao sahir do theatro, desde logo o conhecesse. Offerencia-lhe a sua mão, e, caso não a acceitasse, promettia matar-se. Mas a actriz, horas depois, passa por elle; e não o vira, ou fingira não o vêr. De qualquer modo, o caso significava claramente que a actriz o... desde-

A primeira vez que li o nome de Tina di Lorenzo, foi ha dez ou doze annos, em um jornal italiano cujo nome não me lembra agora. Tratava-se de uma local envolvida no restante noticiario, sem caracter de importancia, como uma nota perdida entre o grande torvelinho dos aspectos da vida transmitidos pelo periodico. Essa noticia tinha este titulo:

Suicidio per amore

Fui ler immediatamente a noticia. Não me envergonho da curiosidade. Será difficil haver portuguez, nascido e creado n'esta terra, aquecido a este quente e fecundante sol, que deixe passar, desdenhosamente, uma noticia com semelhante titulo. Haver alguém que se mate por amor! E' para nós, natural, mas não deixa, por isso, de ser o facto sempre curioso e interessante.

Li, e lembro-me ainda do que li. A actriz Tina di Lorenzo, que fazia andar á roda a cabeça de muito principe italiano, matára, indirecta, inconscientemente, um brilhante e moço official de artilharia da guarnição de Florença. Apaixonára-se, perdida-mente, o rapaz;



Tina di Lorenzo na *Maternità*



nhãra. Doido, allucinado, segue atrás do trem que conduzia a actriz ao hotel. Chegando ali, pretende falar á artista. Os criados do hotel dizem-lhe que é impossível. Não importava. Tratava-se de um assumpto urgente. E, rompendo, empurrando, quasi aos encontrões, o desgraçado sobe as

suicidio! As reflexões da artista foram cortadas por um estalido secco, especial ao tiro de revólver, a que se seguiu um outro...

E' escusado proseguir no desenla-



DIRCE PIERGIOVANNI



LETIZIA BONAFINI



NERINA GROSSI



RENATA SAINATI



EUGENIA BRIZZI

escadas. Encontrando Tina, declara-lhe o seu amor, offerece-lhe a sua vida, o seu futuro, a sua honra e a sua mão.

Tina di Lorenzo estava habituada a scenas semelhantes. Delicadamente, usando os argumentos que as mulheres, em taes casos, dão sempre nas suas respostas, a artista pediu-lhe calma, serenidade, não imaginando o desenlace tragico que, pouco depois, se desenrolaria na

rua, debaixo das janellas dos seus aposentos. Atirou-lhe com o ultimo e supremo argumento, e lançou com uma tamanha pureza d'alma, e n'uma attitúde tão nobre, que, diz-se, ainda hoje Tina di Lorenzo o não recorda sem uma lagrima.

— Bem! — dissera elle, repentinamente calmo. — Vou matar-me, porque não posso viver sem o seu amor; um outro, no meu logar, talvez tambem a matasse! Mas amo-a tanto e vejo-a tão bella, que me julgaria um homem infame se lhe destruísse essa belleza!

E sahio. Tina di Lorenzo, ao vêr-se só, amaldiçoou, talvez, a sua vida de artista, que, se tanta gloria dava ao seu nome e tanta satisfação á sua vaidade, lhe impunha ao mesmo tempo quasi que o encargo de aturar todos os numerosos apaixonados que constantemente se-

ce. O moço official dera dois tiros de revólver: na cabeça, na rua, debaixo das janellas do hotel. Morrerá instantaneamente. Escusado será tambem referir a dôr de Tina di Lorenzo. Basta dizer que a actriz não se esqueceu, desde então, até hoje, de depôr ou mandar depôr uma corôa de saudades sobre a campa do infeliz amoroso, no dia do anniversario d'aquella tragedia do coração.

Pareceu opportuno rememorar este triste episodio, agora que Tina di Lorenzo vem a Lisboa dar-nos no theatro D. Amelia uma serie de representações. Explica-se. A sua belleza fascina; a attitúde elegantissima do seu busto erguido e alto, attrahe; a stavidade angelical da sua voz, hypnotiza quem a ouve. Tina di Lorenzo é uma das mais lindas mulheres da Italia, e, talvez, do mundo. Além d'isso, possui um notavel talento, manifestado, especialmente, na comedia moderna. As peças de Giacosa, ha dias morto, tem n'ella a sua mais maravilhosa interprete.

Mas digamos quem é Tina di Lorenzo. Nasceu em Turim, passando a sua infancia na Sicilia.

Estreiou-se aos dez annos n'uma recita em beneficio das victimas do terramoto de Casamicciola, obtendo um exito enorme.



Tina di Lorenzo na Zaza



CARLO SERBOLISCA



VITTORIO M. DILIGENTI



ALBERTO NIPOTI



ALFREDO MASINI



ANTONIO VALENTI

guiam o seu caminho. Mais outro que ameaçava matar-se! Mais outro. Esta *chantage!* Esta especulação dos homens, julgando estimular a generosidade e ferir o coração da mulher com a eterna ameaça do

Pouco tempo depois, ou fôsse por causa do exito alcançado já n'aquelle espectáculo, ou fôsse por serem precarios os seus meios de sub-



estancia, dedi-
 ca-se definiti-
 vamente á arte
 dramatica. De
 madura, pas-
 sou a artista,
 a profissional. Assim é que, mezes depois,
 apparecia ao
 publico na Torre del Greco, perto de
 Naples, fa-
 zendo parte



Maria. A sua fama crescia, e os
 empresarios começaram a obser-
 var o novo astro
 que subia no hori-
 zonte principiando



GIULIO ROSSINI



ELIDE ROSSETTI



CONSUELO VALENTI



MARINELLA E. MARAZZI



ELVIRA BRIZZI

de uma companhia de inferior reputa-
 ção artistica. Por essa occasião, Tina
 di Lorenzo não contava ainda treze an-
 nos. Mas n'aquelle elenco figurava como
primeira actriz, e, portanto, obrigada a
 desempenhar os principaes papeis. Estre-
 iou-se com a *Dyonisia*, e os applau-

Tina a participar do elenco de companhias
 importantes.

A vocação incontestavel de Tina di Lo-
 renzo, não era já uma risonha esperança,
 era uma realidade. Faltava-lhe a consagra-
 ção. E essa, enfim, chegou. Foi no papel
 de protagonista do *Ruit Hora*. do duque

Ma d-
 daloni,
 no thea-
 tro Rossini, de
 Naples. N'essa
 noite memora-
 vel para Tina di
 Lorenzo, reali-
 sou-se o seu ba-
 ptismo de glo-
 ria. A sua re-
 putação estava
 feita. Tina di
 Lorenzo estu-
 dou muito, tra-
 balhou muito,
 antes de chegar
 á culminancia
 artistica que hoje
 occupa na scena
 italiana e in-
 ternacional.



Tina di Lorenzo na *Mother ideal*

amavam todas as noites o theatro, sendo cha-
 mada á scena nos finaes dos actos. Os applausos
 do publico da Torre del Greco serviram-lhe de es-

Conquistou
 todos os pos-
 tos, palmo a



ALFONSO CASSINI



EMILIO FLAMINI



E. R. BRIZZI

Administratore-Responsabile



QUINTO CRISTINI



Armando Falconi

palmo, á
 força de
 vontade,
 de
 talento
 e de dedi-
 cação
 pela sua
 arte. Só
 em 1860
 é que Ti-
 na con-
 seguiu

culo, progredindo constantemente, tornando-se o
 nome cada vez mais conhecido, á proporção
 que trabalhava. Do theatro da Torre del Greco
 passou para os palcos de Capua, Caserta e Santa

ser contractada para uma companhia
 de cathogoria, a companhia Pasta-Gar-
 cez-Reinach, trabalhando ao lado dos
 artistas mais illustres do seu paiz. Esta
 companhia estrejou-se no theatro dos



Florentinos, em Nápoles. A linda actriz, ao apparecer em scena, foi recebida pelo publico, composto da intellectualidade e da aristocracia napolitana, por uma trovoadá de applau-

A interpretação que Tina di Lorenzo tem dado ás personagens



GIULIA CASSINI



CONCETTA RISSONE



ERNESTINA BORTOLANI



LIDINA CELLINO



VIRGINIA DAL MORO

sos. Tina apresentou-se no *Divorçons*, do velho Sardou. Todo o espectáculo constituiu um verdadeiro triumpho para a actriz.

Alguns annos depois, Tina organisou uma companhia de sociedade com o empresario Pasta. Entretanto, a rapariga desaparecera. Estava mulher. A sua voz adquirira maior sonoridade, mais viveza os seus gestos, mais segurança o seu dominio da scena, o que, naturalmente, contribuia para dar mais relevo á sua personalidade artistica. No theatro Goldoni, de Venezia, Tina di Lorenzo desempenhou tão admiravelmente o papel de *Paula*, na *Segunda Mulher de Tanqueray*, que o illustre escriptor italiano Jacintho Galina, e a nossa já conhecida Duse, que assistiam ao espectáculo, apresentaram-lhe na occasião homenagens entusiasticas.

Tina já esteve na America, como celebridade universal, que é, e onde lhe chamavam a *angelica Lorenzo*. A dicção d'esta actriz, dizem, é perfectissima; natural é, por isso, que de preferencia recorra á sua voz, e não á attitudo nem ao gesto, para provocar os convenientes effeitos scenicos. Nos seus labios, as palavras adquirem, nos momentos maliciosos, o encanto do riso, e transforma-se na agonia, nos



que representa constitue sempre um verdadeiro acontecimento artistico. Morello escreve ácerca do papel de *Margarida Gautier*:

«Passando atravez de tantos temperamentos, alguns d'elles realmente exceptionaes, a pobre *Margarida*, de Dumas, quasi acabou por perder o seu caracter primitivo, e adquirir em seu lugar, o das actrices que no decurso de cincoenta annos a apresentaram sob distinctos aspectos diante dos publicos da Europa. Como é de suppôr, cada uma d'estas interpretações (refiro-me unicamente ás mais notaveis, bem entendido) servia para inspirar outra identica, quando muito, pouco differente; assim é que, pouco a pouco, resultou que o typo de *Margarida*, melhor estudado que nas paginas do romance de Dumas, foi estudado nas interpretações das actrices que tinham feito d'ella, não direi o seu cavallo mas o seu assumpto de batalha.

Mas mais modestamente e tambem mais veridicamente, Tina di Lorenzo preferiu cingir-se á obra original, e estudando-a com cuidado e consciencia, foi só a elle que pediu inspiração e conselho. Estudando a *Dama das Camélias* não se propoz, no entanto, a rivalisar com esta ou aquella actriz, nem tão pouco offerecer ao publico um espectáculo assombroso ou uma revista geral das suas proprias condições artisticas; propoz-se, simplesmente, dando com a prova de grande respeito pela arte, e reproduzir o drama d'aquella nova martyr do amor e do dever, tal



CESARE ZOPPETTI



CORRADO GIANNI



CARLO TEDESCHI



IGNAZIO ACCARDI



ODOARDO BONAFINI

momentos tragicos. Uma noite, durante a representação da *Pamela Nubile*, um espectador não se conteve, e exclamou:

— Parece-me que estou ouvindo uma verdadeira musical!

Como me parecia que a *Pamela Nubile* auctor a teria imaginado.

Effectivamente Tina di Lorenzo reconstituiu fundamentalmente a figura de *Margarida*, tal como Dumas a

que e quiz fazer realmente. Todos os que pretendem ver a scena uma Margarida, cheia de vida, nervosa, frenetica, hysterica, e, ao mesmo tempo, solemne, enganam-se.

bam-o todos os homens, dizia Keats. E' isto mesmo que Tina



TINA DI LORENZO

TOURNÉE 1906-07

Companhia Dramatica Italiana Tina di Lorenzo e Armando Falconi



A vida de Margarida Duplessis declina desde que começa a macular-se a primeira camelia que ella dá a Armando. A partir d'aquella data, na alma de Margarida só resta um sentimento de purissimo amor e sob a disciplina d'esse amor, um carinho innocente, um ingenuo desejo de reabilitação moral. Tina di Lorenzo encarna perfeitamente esta re-
sumição, matizando esta aurora de uma nova vida com as tintas mais delicadas e com as ternuras mais raras da sua arte...

O temperamento de Tina di Lorenzo é, dizem os seus biographos, um dos mais fortes e multiformes que se possam de-
ver para a arte scenica. Mas, utilisando, ella tem de amoldal-o strictlymente as exigencias da sua belleza physica. Ha phisyonomias que ganham mais quanto mais se dissolve o seu conjunto:—são as phisyonomias impuberes e inexpressivas cuja momentanea belleza é o resultado de uma contracção dos musculos, de uma contracção dos labios, de uma rapida vibracção das pupillas. Outras phisyonomias ha, pelo contrario, cuja natural harmonia não é possivel decompôr, sem commetter um sacrilegio. A phisyonomia de Tina di Lorenzo pertence a esta ultima categoria. A natureza dotou-a de todos os meios, de todas as faculdades e condições mais necessarias para personificar, com as suas manifestações artisticas, aquelle gosto de belleza eterna e incorruptivel a que con-

está destinada a fazer com a sua arte.

A sua belleza, que tinha atravessado inculume tantos perigos e escolhos, e apaixonára principes e marquezes, litteratos e grandes industriaes, illuminou-se um dia com o sonho de um grande amor que lhe desabrochava no coração. Essa felicidade que ella repartia em volta de si coube, na sua unica parcella, a um moço actor que fazia parte da sua companhia e que loucamente se enamorára da sua graça, da sua arte, das suas virtudes e da sua bondade.

Chama-se Armando Franconi esse mortal feliz:—é, como se costuma dizer em linguagem de bastidores, *filho da arte*. Tem um appellido que seus paes, já fallecidos, tornaram famoso, (Adelaide Franconi, sua mãe, foi uma das primeiras *characteristicas* da scena italiana e até hoje ainda não se encontrou quem a substituísse effizazmente). Espontaneo, sincero, distincto, Armando Franconi é o continuador das invejaveis e gloriosas tradições do actor comico italiano, que, na evolução actual da arte scenica, tende a desaparecer.

Dizem que nunca houve matrimonio de amor mais feliz. Entre o affecto de seu marido e o carinho e a admiração do publico, Tina di Lorenzo vê hoje realizados os sonhos dourados da sua florescente mocidade.

E' com uma companhia organizada por ella e por Armando Franconi que a notavel actriz nos visita. Rodeada de um nucleo de jovens artistas, que honram a arte italiana, Tina di Lorenzo propoz-se apresentar a os publicos estrangeiros um conjunto

homogeneo e disciplinado que imprimirá um character



CORIOLANO RISSONE



EUGENIO RIZZARDI



GIUSEPPE MINUCELLI



ANGELÓ FOR.

Luigi Carini fuscamente aspira e com a qual o publico sonha vagamente, a que pôde revelar-se, determinar-se, fixar-se com um gesto, com um sorriso, com uma palavra, com um ademane.

O verdadeiro é belleza; o bello é a verdade; sai-

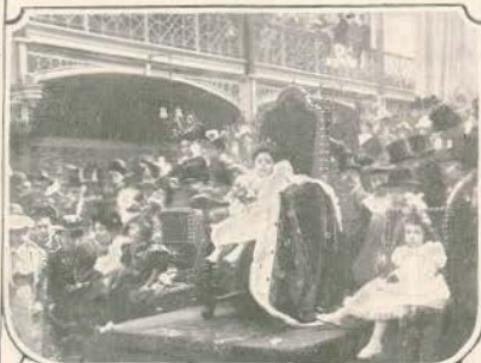
novo e effizaz ás interpretações das melhores obras do antigo repertorio.

Eis, resumidamente, quem é e o que é Tina di Lorenzo, que em breves dias veremos no theatro D. Amelia.—X.



UMA FESTA DE CRIANÇAS MI-CARÊME NO PORTO

A FESTA da *mi-carême*, que corresponde, nos nossos fastos populares, á chamada «serração da velha», teve em Portugal a sua forma tradicional de celebração, que hoje está quasi geralmente perdida. Rara é a localidade provinciana aonde persiste ainda o velho costume de engendrar um manequim representando uma velha archaica, que é serrado ao meio,—a divisão da quaesma em duas metades,—na praça ou no adro da igreja. Foi esse um dos antigos costumes portuguezes que se foi, e para o substituir veio,



copiado de França, o gracioso costume das rainhas da *mi-carême*.

A *mi-carême* do Porto, reatando a tradição com um novo fecho transplantando o pituoso protocolo das rainhas dos mercados parisienses, teve um bello pensamento a fazer d'essa festa uma festa de crianças, e se tem sido realizada todos os annos com inquestionavel brilho e relevo, devido ao esforço dos seus iniciadores, tem, por tal motivo, decorrido sempre no meio da mais espontanea e viva alegria, que é a grande insubstituivel felicidade da infancia.



Um aspecto da nave central do Palacio de Cristal durante as festas—Rainha da *Mi-Carême*, estylo phantasia
Outro aspecto da nave central do Palacio de Cristal durante as festas—Rainha da *Mi-Carême*, estylo phantasia

LOURENÇO MARQUES

A CIDADE DEBAIXO D'AGUA



Travessa da Machaquene

Um aspecto da Avenida D Carlos



Outro aspecto da Avenida D Carlos

Avenida Aguiar

NOVO EDIFÍCIO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS



Fachada



Gabinete do director



Receptaculos



Guichets



Vitraux do Lantermon



Atuo e escada para o 1.º andar

BANCO LISBOA & AÇORES

O SEU NOVO EDIFÍCIO NA RUADA OURO

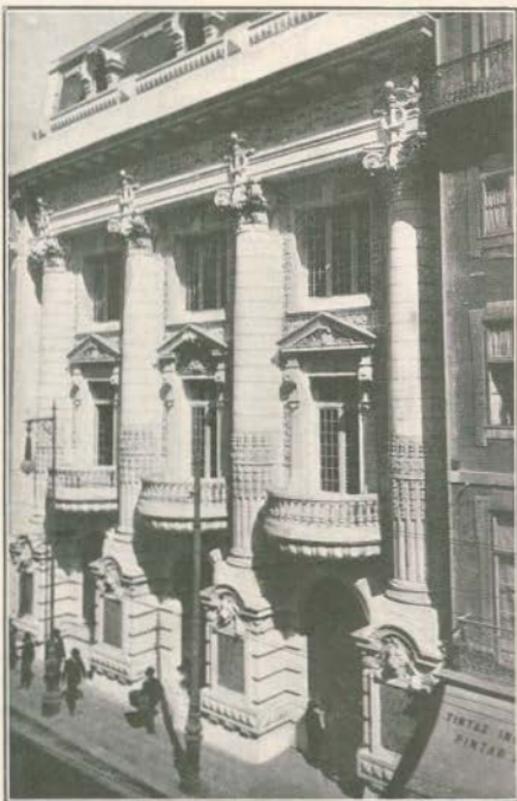
N'esta doce terra portugueza em que as iniciativas morrem muitas vezes por falta de um amparo, esta grandiosa obra do banco Lisboa e Açores, na rua do Ouro, representa indiscutivelmente um esforço extraordinário e uma exadada na rotina. De-

Encomendado o plano do edificio ao eminente architecto Ventura Terra, uma das mais rutilas organizações de artista do nosso paiz, deitou-se mãos á obra; e caso é que, entre a compra da casa que se demoliu e o acabamento do novo edificio de uma architectura simples e, ao mesmo tempo, tão monumental, medeou apenas o curto espaço de um anno! Foi necessario empregar uma grande somma de esforço, uma boa vontade super-humana, uma intelligencia methodica e disciplinada, para remover tão grande difficuldade. Na obra, onde se empregaram em média 200 operarios, gastaram-se 96 contos de réis, sendo 28:100\$000 para cantarias, fornecidas pelo sr. Pedro Pardal Monteiro, de Pero Pinheiro (Cintra), que desenvolveu uma actividade extraordinaria, fóra do vulgar em empreitadas de tão grande monta. Todo o trabalho de ferro forjado, de um alto valor artistico, foi feito na casa Jacob Lopes da Silva; e

a empreitada principal do edificio foi tomada por Constructora, do Porto.

Visitado o edificio de alto abaixo, nós vemos, em toda a architectura, uma grande sobriedade e uma simplicidade extrema. E' um palacio bancario, —

mais nada. O salão-chão, destinado ao serviço publico, recebe ampla luz da grande cupula do hall; no andar superior, onde ficam as salões, estão instaladas as salas de direcção e de contabilidade; no 3.º andar é o archivo. Em baixo, nas caves, estão os cofres fortes, para serviço do publico. De principio collocam-se 400 cofres, mas o logar para 1000. Estas casas subterraneas tem luz em abundancia e estão isentas de humidade. Todo o edificio é illuminado e aquece, e como não ha um unico fogão que não tenha sido preenchido com o cimento não ha receio da invasão de ratos ou dos vermes. As alvenarias contem de permangado e cimento de ferro que tornam o edificio completamente invulneravel. A construção é de ferro, cimento e pedra, — absolutamente incombustivel e segura: — estão, por consequencia, protegidos de parte o perigo do fogo e o perigo do roubo. No



A fachada do Banco

vestibulo, as paredes são forradas de marmores de Cintra e de 'Chão de Maças, que se podem pôr a par dos melhores do estrangeiro.

Quanto á obra d'arte propriamente dita reside toda na frontaria do edificio. O estylo é de uma originalidade e de uma novidade palpitantes. O artista quiz que o seu trabalho representasse a feição

especial para que a construção era destinada e conseguiu-o com verdadeiro talento e grande intensidade. Quatro leões enormes, de fauces escancaradas, guardam a entrada, atendidos nos pedestaes das enormes e so-



Ventura Terra

lombissimas columnas, em cujos capiteis se desenhavam ancoras que se ligam ás volutas e não desenrolar-se no friso. Ha ainda motivos ornamentaes representando serpentes e azas de Mercurio envolvidas n'uma ancora. Ventura Terra teve d'este modo a concepção do commercio marítimo.

Muita gente tem lamentado que um edificio de proporções tão grandiosas esteja encravado n'uma rua estreita quando mereceria estar no topo de uma praça. E' um erro. O eminente architecto, a quem damos conta do reparo, esclareceu-nos sobre este ponto:

—Pelo contrario, o edificio foi planeado assim por ter de se levantar na rua do Ouro. Se tivesse de o construir no Rocio ou no Terreiro do Paço tel-o-hia feito muito differente. Toda a architectura obedece precisamente ao local. Nada foi desprezado para tirar o maximo effeito dentro da perspectiva que me era dada. Já reparou no edificio, a 200 metros de distancia, des-

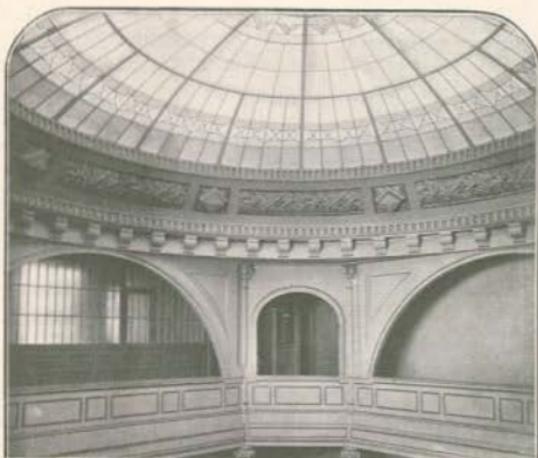
cendo a rua, ou subindo a rua? O interesse é sempre igual, o perfil vale bem a frente; as canneluras das columnas cortadas pelos balcões dão-lhe um aspecto¹ ainda mais sumptuoso que a sua frontaria



Luiz Pereira que modelou as esculpturas

vista em conjunto.

Effectivamente, o detalhe ornamental iguala maravilhosamente o rythmo de toda a architectura apanhada em flagrante pelos olhos mais desprevenidos.



A cupula do «hall»



A galeria do 1.º pavimento



Expediente e Thesouraria

SUA Magestade a

PRIMAVERA

Começam os jardins de Lisboa a fazer a sua *toilette* para receber a Primavera. Encontram-se as côres e os perfumes, os risos do sol e as frescuras das madrugadas. As arvores mais celeses apresentam já a basta cabelleira empoada de flores; pelos pequeninos arbustos trepa, n'uma onda de seiva, uma vida fecunda. N'esta vespera apressada em que se dão os ultimos retoques, ensaia-se tambem o côro musical da passarada que salta de ramo em ramo.

A Natureza, de batuta na mão, espera, sentada no seu throno de ouro,



No jardim da Estrella

que as figuras se colloquem nos seus respectivos logares, para dar principio ao grande hymno da luz.

Vae ser uma festa real, cujo programma está definitivamente elaborado. Sua Magestade a Primavera chega a Lisboa ao ralar do dia de hoje, quando o sol abrir os seus olhos de topasio diluido e por todo o céu ainda desmaiado nos derradeiros spasmos da noite alvorecer a primeira tinta do divino azul que os anjos fabricam no Paraíso. A guarda de honra é feita por lyrios esbeltos, de um róxo magoado e soluçante; e a orchestra dos primeiros ninhos entoará em concertante o côro alacre das boas vindas.

Um rouxinol, tido entre os seus camaradas como a ultima expressão do sentimento artistico

e da vocalisação musical, cantará a mensagem congratulatoria da Natureza. Installada definitivamente, Sua Magestade a Primavera visitará todos os jardins da capital, com a sua escolta de raios d'ouro e de incensadores de perfumes. Na Estrella receberão ranchadas de creanças, sob a vigilancia das *instituições* que leem romances sentimentaes á sombra das grandes arvores, junto do lago tranquillo onde nadam magestosamente

cystes; no jardim botanico, um fresco idyll de namorados, dentro de uma ogiva de pameiras, pedir-lhe-ha a primeira benção luminosa; no Principe Real, em S. Pedro d'A cantara, na praça da Alegria, em Santo no jardim Constantino, a Primavera encontrará a mesma alegria, feita de prata, os mesmos perfumes de saudação cordeal, que sóbem na serenidade

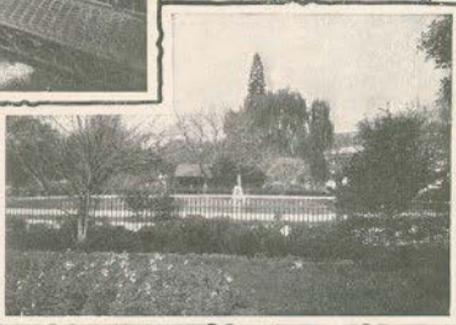
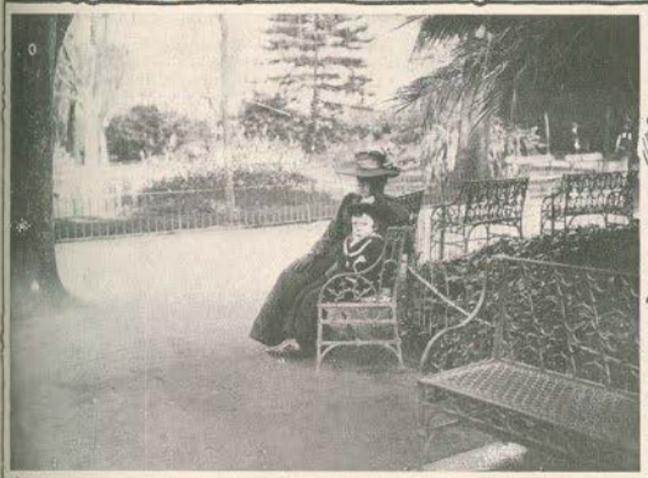


Quem quer estas duas flores?

atmosphera para a serenidade e maculada do céu.



Duas primaveras em botão

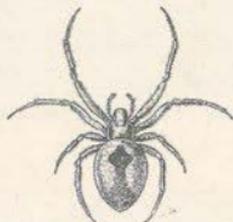


OS JARDINS DE LISBOA — ASPECTOS PITTORESCOS

TEIAS DE ARANHA

No tempo de La Fontaine, em que, como se sabe, todos os animaes falavam e até diziam, ás vezes, coisas bastante acertadas, que pôdem lêr-se ainda hoje nas *Fabulas* do bom poeta, seria curioso ouvir a opinião das aranhas a proposito da guerra encarniçada que lhes é moída por aquelles mesmos a quem os pobres bichos estão prestando a toda a hora serviços valiosos e desinteressados. Na realidade, nem sempre o que o

homem faz corresponde á superioridade intellectual e moral que elle se attribue entre os outros animaes, e o seu procedimento injusto para com as aranhas é uma prova flagrante da illu-



Dictyna puella (femea, tamanho 3 millimetros e meio)

são persistente á sua omnimoda ignorancia.

E' assombrosa a quantidade de embustes e de prejuisos que este imaginario rei da criação ainda acredita relativamente a alguns dos seus irmãos inferiores. A respeito das aranhas,

coitadas, pôde affirmar-se, então, que tem a cabeça cheia de verdadeiras teias, para aproveitar apropriadamente um symbolo pittoresco da



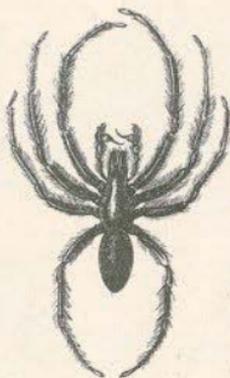
Dysdera crocata (femea, 15 millimetros)



Dictyna arundinacea (femea, tamanho 4 millimetros e meio)



Dysdera erythrina (macho, 10 millimetros)



Segestria florentina (macho, tamanho 20 millimetros)

zias de belleza com qualquer borboleta de azas coloridas, não deixa ella, por isso, de possuir tambem a sua belleza propria, aquella belleza verdadeira, sem nenhum signal de convenção, que existe em todas as obras da natureza. De resto, quem examinar as aranhas com um bocado de attenção e tiver paciencia

arachnologia popular.

Rara será a pessoa, por exemplo, que não apregoe a sua repugnancia por esses infimos animaes com o pretexto de que são feios e venenosos. Ora, se uma aranha, embora escolhida entre as mais graciosas da sua classe, não poderá certamente disputar nunca prima-



Segestria florentina (femea, tamanho 22 millimetros)



Segestria senoculata (macho, 12 millimetros)

para se iniciar na observação dos seus habitos e costumes singulares, depressa será forçado a confessar o interesse e o entusiasmo que merecem, em nada inferiores aos que despertam os insectos e as aves aos amadores da historia natural.



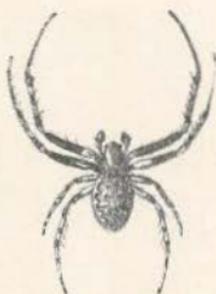
Segestria senoculata (femea, 14 millimetros)



Theridion lineatum
(fêmea, 5 milímetros)



Theridion denticulatum
(fêmea, 2 milímetros e meio)



Epeira umbratica (macho,
10 milímetros)



Epeira umbratica (fêmea,
10 milímetros)

Quanto à acusação referente ao veneno, não representa mais que um grande exagero. Não ha duvida que as aranhas possuem glandulas venenosas, mas as especies que vivem em Portugal são demasiado exiguas, em regra, para que as suas patas-pinças possam penetrar na nossa pelle. Além d'isso, sempre que se sente atacada pelo

homem, em vez de se servir dos seus meios de defesa, a aranha só pensa em tugar com toda a rapidez de que é capaz, ou, quando não faz isso, em simular a morte.

Toda a gente conhece a aranha? commum, de oito olhos, que estabelece a teia horizontalmente nos angulos das janellas e das paredes, e a que os naturalistas deram o nome de *Tegenaria domestica*. Ha no paiz, porém, alguns centos de outras especies, espalhadas por toda a parte, errantes como as *Philodromus* e *Thomisius*, ou construindo as suas teias nas arvores, nas flores, nos muros, no proprio chão. Este artigo vai

Caçadoras habeis e infatigaveis, umas diurnas, outras nocturnas, as aranhas capturam um grande numero de presas vivas, para se alimentarem, e prestam d'esta fórma importantes beneficios. A aranha domestica, hospeda das nossas habitações, é ahí a inimiga constante da mosca commum, e, no campo, quando assenta o seu arraial nos graneis ou nas casas do gado, destroe igualmente os insectos nocivos aos grãos e os dipteros que assaltam os animaes agricolas. As aranhas dos jardins e dos bosques não fazem teias: correm velozmente em todas as direcções, procurando os insectos sobre as plantas. As *Lycosas* pertencem a este numero, e nem mesmo quando andam sobrecarregadas com os filhos recém-nascidos ás costas deixam de caçar. Outras especies são sedentarias. Taes são, por exemplo, as *Theridions*, que formam as suas teias nas vinhas para apanharem as pyrales.



Linyphia triangularis
(fêmea, 6 milímetros)



Linyphia frutetorum
(fêmea,
5 milímetros)



Linyphia clathrata (fêmea, 3
milímetros e
meio)



Linyphia clathrata
(macho, 3 milímetros)



Epeira diodia (macho, 4
milímetros)



Epeira diodia
(fêmea, 6 milímetros)



Thomisius albus (fêmea,
5 milímetros)



Thomisius albus (macho, 3 milímetros)

acompanhado de figuras representando as principais d'essas especies, dando assim uma idéa da variedade de fórmas da nossa fauna arachnologica.

A utilidade das aranhas está bem demonstrada, e por isso mal se comprehende porque são tão falsamente apreciadas e perseguidas com tamanha ingratiidão.



Figuras e factos



Duquesa d'Avila e Bolama

O centenario do duque d'Avila e Bolama foi celebrado na sua terra natal com as festas solemnes do lançamento da primeira pedra para o seu monumento, e em Lisboa com diversas manifestações em que tomaram parte as duas casas do parlamento, as companhias financeiras de que o illustre homem publico foi director, e os aorianos do districto da Horra, residentes na capital.

A vida do duque d'Avila foi um bello exemplo de perseverança no trabalho, que de uma condição moesta o elevou ás mais altas culminancias sociaes, e de desinteresse patriótico, que se affirmou com bello relevo em todos os actos da sua vida publica. A commemoração do seu centenario, embora modestamente feita como o foi, é pois uma lição suggestiva e um testemunho inegavel de que o nome e a lembrança do honrado e venerando estadista não se extinguira ainda.



Duque d'Avila e Bolama

A esposa do novo ministro da Italia em Lisboa é sobrinha do embaixador italiano em Paris e descendente da familia do celebre Franklin. É uma senhora de rara distincção, dotada de esplendidas qualidades de espirito, muito bondosa e muito formosa. Nos seus salões da rue de Grenelle, em Paris, reuniam-se todas as notabilidades da arte e da sciencia, assim como as damas mais elegantes da elite parisiense. Muito estimada na corte de Italia, a marqueza Paulucci de Calboli, nova ministra de Italia, tem pelas rainhas Margarida e Helena uma gentilissima admiração.



Marquiza de Paulucci de Calboli (ministra de Italia em Lisboa)



Osvaldo de Faria

O engenheiro brasileiro Osvaldo de Faria, que foi proposto ao premio de honra do Congresso do Rio de Janeiro, é o inventor do transformador electrico, cujo desenho apresentamos.

O seu talento inventivo tem sido bastante apreciado pelos professores das escolas superiores de Paris, onde ha dias lhe foi offerecido um almoço de homenagem, a que presidiu o chronista do *Figaro* Emile Gautier.



O transformador electrico



O caso Urbino de Freitas no Rio de Janeiro

Todos os jornaes se referiram ao caso da expulsão do Brazil do celebre medico portuguez Urbino de Freitas, que produziu no Rio de Janeiro uma grande impressão. O *Jornal do Brazil* foi o primeiro periodico a dar o alarme. Os drs. Celso Bayma e Murinho Doria requereram *habeas-corpus* ao juiz federal da 2.ª vara, dr. Pires e Albuquerque, secundando assim os esforços feitos já no *Jornal do Brazil* pelo dr. Fernando Mendes d'Almeida Junior, e no *Seculo* pelo dr. Brício Filho e commendador Alberto Estanislau, os quaes, reunidos, ngariaram innumeradas assignaturas para pedir a El-Rei o perdão de Urbino de Freitas.

Effectivamente, o juiz federal da 2.ª vara concedeu o *habeas-corpus*, ao medico portuguez.



Commendador Alberto Estanislau, redactor do *Jornal do Brazil*



Dr. Urbino de Freitas

Dr. Pires e Albuquerque, juiz federal da 2.ª vara — Dr. Brício Filho, redactor-chefe de *O Seculo* — Dr. Antonio Murinho Doria, membro do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros — Dr. Celso Bayma, lente cathedratice de Historia Universal do Colégio Militar — Dr. Fernando Mendes d'Almeida Junior, redactor do *Jornal do Brazil*

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1500 réis o par. Lindos collares de perolas a 15000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

A mais importante casa de automoveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Companhia de Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Ibermio (Louzã), Valle d'Astor (Hilbergaria a Velha.)

Lisboa, - 270, Rua da Princesa, 276
Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

TELEPHONOS: Lisboa, Companhia Prado
Prado - Porto - Lisboa - TELEPHONOS: 308

Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «16 S. A.» da nova marca de bicyclettes, da nova casa e que tão lisonjosa de fabrico e de todos os accessorios como tem esmaltada e de quasi macadã que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores injez, burinas, lanternas e cornets, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender.



CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo Antão, 32^o e 34 - LISBOA

Agente em Paris: - Camille Lipman, 26, Rue Vignon



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

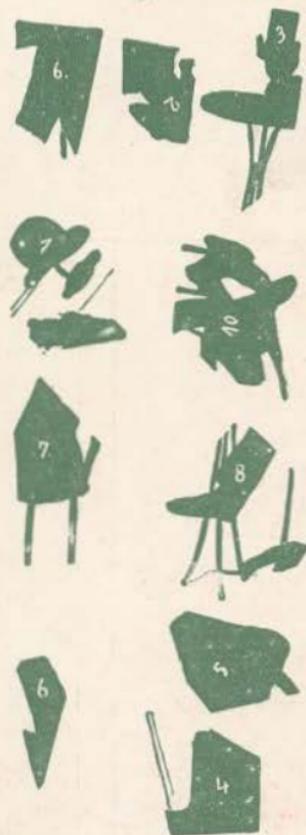
CONCURSO DA PRIMAVERA

Uma famosa collecção de bichos dos quaes basta colleccionar 50 para se ter direito a entrar no sorteio de 10:000\$000 réis distribuidos pelos leitores do «Seculo»

Premios em dinheiro no valor de 1:000\$000 réis



Cerca de 2:000 premios todos de alto valor



Cerca de 2000 premios todos de alto valor

